

APRESENTAÇÃO

As manifestações literárias acompanham o dinamismo da vida social, se modificando e se desenvolvendo a partir das relações que estabelece com a sociedade. Assim, desde a carta de achamento, escrita por Caminha, até os nossos dias é possível perceber que a literatura não se estagnou aos seus moldes mais primários, mas se adaptou e sofreu mutações tanto em sua estrutura e forma, quanto nas perspectivas temáticas abordadas. Neste sentido, vale ressaltar que de acordo com Leila Perrone-Moisés (2016) “O que garante a sobrevivência da literatura não é a sua defesa teórica, nem sua promoção por instituições e, ainda menos, o seu gerenciamento pela indústria cultural. É o desejo de escrever e o prazer de ler” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 265), ou seja, a vivacidade da literatura está no desejo do escritor de permanecer, seja a partir da sua escrita, seja pela fruição que o texto propicia ao leitor.

Em relação à literatura contemporânea, convém elencar que as produções literárias têm se alterado com a utilização de procedimentos literários, de certo modo inovadores, como o hibridismo de gêneros literários e textuais em uma obra, a relação do texto literário com a linguagem imagética, a escrita de livros que relatam o processo de produção e pós-produção dos textos e a possibilidade maior da divulgação de obras redigidas por autores das periferias e das margens da sociedade. Assim, as transformações da literatura e as suas nuances revelam não só a diversidade do fazer literário, mas também sua adaptabilidade às novas formas de se escrever e ler. Nesse contexto, o papel do escritor é imprescindível para a constituição multifacetada da literatura, já “que são os escritores e não os teóricos que definem, em suas obras, as mutações da literatura” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 35).

Ainda em relação ao caráter metamorfoseado que as manifestações literárias adquiriram ao longo dos séculos, Karl Erik Schollhammer, em seu livro sobre a ficção contemporânea, destaca que “Parece que os autores da última década, ainda que se mostrem conscientes de suas preferências, deitam melhor um certo ecletismo que cruza fronteiras, línguas e tradições literárias” (SCHOLLHAMMER, 2011, p. 148). Neste sentido, o volume deste dossiê, cujo tema central trata das mutações da literatura brasileira contemporânea, com um recorte temporal voltado para obras produzidas a partir da década de 2010 até o presente, conta com artigos que expandem e renovam nossas compreensões em torno das produções no tempo do agora.

Este número temático tem como grande destaque o fato de colocar em relevo obras e autores que vêm construindo o contemporâneo. Notadamente, o leitor deste volume poderá perceber que o contemporâneo não se restringe apenas ao que se produz na atualidade, tal como já observara Schollhammer, mas, de modo mais crítico, são obras que se colocam em um espaço de não coincidência com o próprio tempo, que se projetam pela inadequação com os padrões estabelecidos pela crítica e pelo cânone mais conservadores. Os textos aqui reunidos refletem sobre obras e autores que contribuem para a explosão do cânone, isto é, uma retomada daquele projeto de ruptura, advindo desde a modernidade, a partir do qual a tradição não é vista como um programa literário fechado, ao contrário, o contemporâneo se volta para tradição exatamente naquilo que há de fragmentário.

Em termos gerais, podemos concluir que este dossiê – e as mutações da literatura contemporânea, por extensão – é um caminho aberto para ampliar as possibilidades imaginativas um outro futuro que se dá pelo reconhecimento de outras experiências éticas, estéticas, políticas e epistemológicas a partir das quais não só um alargamento do cânone será possível, mas, principalmente, e ainda mais importante, talvez, seja o fato de que há outros modos de ser e estar no mundo.

Os organizadores

Leonardo Tonus (Universidade SORBONNE)

Maria Alice Sabaini de Souza (UNIR)

Paulo Eduardo Benites de Moraes (UFJF)